

Política

Governo vai usar o decurso de prazo

O Palácio do Planalto decidiu em conjunto com as lideranças do PDS aprovar, votando ou por decurso de prazo, o projeto de lei que modifica o sistema previdenciário e aquele que institui a sublegenda. A tentativa inicial do PDS será a de aprovar através de um maciço comparecimento ao plenário tanto um quanto outro projeto. Se não for possível, o líder Cantídio Sampaio retirará seus deputados de plenário forçando a aprovação por decurso de prazo.

Maz, além destes assuntos imediatos, o partido do governo, através de suas lideranças, mostra-se preocupado com a tramitação e as definições governamentais sobre a propaganda eleitoral. O Ministro Abi-Ackel, da Justiça, já declarou que o assunto somente será esclarecido no início do próximo ano — mas os membros do partido entendem que a reforma eleitoral está praticamente definida; sublegenda, proibição de coligações nas candidaturas a governadores e vice e eleição em um único turno.

Os sinais detectados até agora do Planalto mostram que a presidência da República não mais está fechando questão em torno da eleição em duas datas. Assim como o distritão, a eleição em dois turnos está perdendo substância como assunto de discussão e começa a ingressar na categoria de tema de menor expressão. São estes os assuntos politico-partidários que vão empolgar o debate parlamentar nos próximos meses. Mas a reforma eleitoral está praticamente desenhada, aliás conforme é desejo expresso do Ministro Leitão de Abreu. O chefe da Casa Civil quer uma reforma de pequeno alcance, apenas para remendar a lei naquilo que é necessário, e, ao mesmo tempo, iniciar um vigoroso trabalho de fortalecimento do PDS.

GOVERNO UNO

O presidente em exercício Aureliano Chaves fez ontem, diante de prefeitos do nordeste acompanhados pelo deputado Nilson Gibson, do PDS de Pernambuco, uma vigorosa reafirmação da indivisibilidade do governo. Disse o presidente em exercício que "só há um governo, o governo do presidente Figueiredo a quem eu, por um curto espaço de tempo, que desejo o mais curto possível, substituo, não sucedo".

Há uma nítida preocupação tanto dos auxiliares do presidente Figueiredo quanto dos assessores de Aureliano Chaves de desfazer a idéia de duplicidade de administrações ou de paralelismo no exercício do poder. A viagem do secretário de imprensa Carlos Átila aos Estados Unidos teve como ponto de partida a informação de que cinquenta jornalistas brasileiros ou a serviço da imprensa do Brasil estariam em Cleveland para cobrir os eventos durante o internamento do presidente naquele hospital.

Entendem os assessores do presidente Figueiredo que durante seu repouso na Gávea Pequena e cumprindo rigorosamente as prescrições médicas, os ministros conversaram sobre diversos assuntos com o chefe de governo impedido. Isto, contudo, não caracterizaria a duplicidade de governo, uma vez que o próprio Aureliano Chaves esteve na Gávea Pequena conversando com o presidente impedido, certamente sobre assuntos de relevância para a administração.

Existe o raciocínio reverso. Aquele que lembra que ao longo de todo o governo Figueiredo o vice-presidente conversou com quem quis e a respeito do assunto que desejou. Este fato, pergunta um assessor, caracterizaria uma duplicidade de governo ou a existência de pólos de poder paralelos? Por último, a argumentação aponta no sentido de que o vice-presidente da República faz parte do governo Figueiredo, tendo sido eleito pela mesma chapa. Não haveria portanto a existência de outro governo, mas da mesma administração, em momento peculiar, gerida por outra pessoa.

Aqueles assessores atribuem a especulação sobre a existência de um governo paralelo ao fato de que o presidente Figueiredo sofreu o enfarte no Rio de Janeiro. "Se a doença tivesse acontecido em Brasília ninguém faria especulações deste nível, porque Medeiros e Venturini iriam ao Torto a hora que desejassem e tudo seria encarado com muita naturalidade", afirma.

DISCRETO

O Sr. Roger Fontaine, assessor para América Latina do Conselho de Segurança Nacional norte-americano, está em Brasília integrando a comitiva do vice-presidente George Bush. Ele hesitou em vir ao Brasil e decidiu-se pela viagem na semana passada. Fontaine, segundo pessoas da Embaixada, pretende mostrar em Brasília a mesma discrição que vem mantendo em Washington; isto é não fala à imprensa.

André Gustavo Stumpf